

## DOSSIÊ: ARQUEÓLOGOS E COMUNIDADES LOCAIS NA AMAZÔNIA

As reflexões sobre as relações estabelecidas entre arqueólogos e comunidades locais têm avançado, de maneira significativa, nos últimos anos. Uma série de eventos, artigos e livros tornaram públicos os desafios inerentes aos encontros e à convivência com distintos coletivos no âmbito de nossos projetos de pesquisa. O novo estatuto dado às nuances dessas relações, invisibilizadas no uso coisificador da “mão de obra nativa”, como coloca Nick Shepherd, pela arqueologia no passado, revela a qualidade do conhecimento nativo sobre as “paisagens do passado presente” e a sua importância na construção de nossas interpretações sobre o registro arqueológico. O reconhecimento de outras epistemologias da cultura material provoca a lógica da ciência e nos coloca frente a novas formas de se pensar e fazer arqueologia.

Castañeda argumenta que houve uma virada na arqueologia contemporânea e discute, particularmente, a articulação entre etnografia e arqueologia, o que ele chama de “ethnographic turn”. Assim, mais do que adjetivar “arqueologias”, Castañeda propõe três modos de entender nossa prática, nosso campo disciplinar e nossa inserção na contemporaneidade: a etnografia arqueológica, a antropologia da arqueologia e a arqueologia etnográfica. A primeira refere-se ao estudo do passado, a segunda à compreensão da arqueologia como fenômeno sociocultural e político, e a terceira ao entendimento dos contextos sociais, das agências e dos “processos de engajamento com o mundo”.

Os textos aqui reunidos reafirmam a importância dessas reflexões, mostram o potencial do olhar etnográfico sobre nossas pesquisas e sugerem que está na hora de

reconsiderarmos a multiplicidade de “arqueologias” que criamos – ação, indígena, colaborativa, participativa, pública! – e pensar num “archaeological turn” que inclua todas as orientações constantes dos modos preconizados por Castañeda.

Os sete artigos que compõem o dossiê “Arqueólogos e Comunidades Locais” falam de arqueologia; arqueologia num sentido mais amplo, “arqueologia como prática de sentido” (Cabral, neste volume). As relações sensíveis estabelecidas pelos autores com as comunidades moradoras do entorno de sítios arqueológicos indicam que, na Amazônia, reconhecer essas outras possibilidades da arqueologia não é apenas importante, é inevitável. As reflexões tratam de encontros entre pesquisadores e comunidades tradicionais na região.

No artigo que abre o volume, Juliana Machado discute a ideia de um ‘passado feito presente’, a partir das relações entre ribeirinhos e paisagens memoriais na Ilha de Caviana. Mariana Cabral, corroborando a impertinência das arqueologias adjetivadas, reflete sobre os percursos de uma pesquisa com os indígenas Wajãpi no estado do Amapá. O engajamento entre arqueólogos e indígenas também é o tema do artigo de Renzo S. Duin, Kilian Toinaïke, Tasikale Alupki e Aimawale Opoya que apresentam um projeto de mapeamento participatório entre os Wayana, três deles coautores do artigo, na região de fronteira entre o Suriname e a Guiana Francesa. O artigo de Bruna Cigaran da Rocha, Jaqueline Beletti, Anne Rapp Py-Daniel, Claide de Paula Moraes e Vinicius Honorato também enfatiza a participação de comunidades tradicionais das margens dos rios Tapajós, Madeira e Solimões na pesquisa arqueológica, considerando o seu conhecimento sobre o território ocupado.

A preocupação com os processos de continuidade impressos nas paisagens e com as estratégias de gestão comunitária do patrimônio arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã é o tema do artigo de Jaqueline Gomes Santos, Rafael Barbi Costa e Santos e Bernardo Lacale Silva da Costa. Carla Gibertoni Carneiro compartilha a preocupação com a gestão do patrimônio arqueológico na Amazônia, tecendo considerações sobre as relações estabelecidas entre arqueologia e a sociedade por meio dos projetos de Educação Patrimonial. Por fim, Marcia Bezerra apresenta os resultados de pesquisa sobre a incorporação da iconografia da arqueologia por um grupo de artesãs na vila de Joanes, no Marajó.

A organização deste volume nos mostrou que os desafios desse “archaeological turn” são muitos e que entre as nossas reflexões e as nossas práticas há um vasto território de relações imbricadas, complexas, singulares que temos que começar a reconhecer e discutir. O desafio de cada um dos autores deste dossiê foi mostrar que já começamos a fazer isso na Amazônia.

Boa Leitura!

Marcia Bezerra & Mariana Cabral  
Organizadoras